RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre um assunto que ocupa, hoje, o lugar central na discussão da educação esco-

sílaba, palavras e frases.

Os alunos conhecem o som e sabem reconhecer a representação gráfica das vogais, em seguida aprendem as consoantes.

O processo fônico: nasceu como uma crítica ao método da soletração ou alfabético, mas visando aproximar os alunos de algum significado é que foram criadas variações do processo fônico, diferindo uma modalidade da outra em apresentar os sons.

Um exemplo desse processo é o professor que escreve uma letra na lousa e apresenta imagens de objetos que comecem com essa letra. Em seguida escreve várias palavras na lousa e pede para os alunos apontarem a letra inicialmente apresentada, a partir do conhecimento já adquirido o aluno pode apresentar outras palavras com esta letra. A maior crítica a esse método é que não serve para trabalhar com as muitas exceções da língua portuguesa. Por exemplo, como explicar que acender e ascender têm a mesma pronúncia e se escrevem de maneira diferente?

A velha cartilha Caminho Suave era referência entre a grande maioria dos brasileiros alfabetizados até os anos de 1970 e início dos anos 80 e teve sucesso devido á simplicidade de sua técnica.

Processo Silábico: Se caracteriza pela apresentação visual de sílabas prontas, sem forçar a articulação das consoantes com as vogais, e sem destacar as partes que compõem a silaba. No processo silábico se emprega como unidades-chaves as sílabas que depois se condicionam em palavras e frases, esse processo ganhou o mundo muito rápido e passou a ser ensinado pelos professores adiantados da época. Até os dias atuais a silabação é o processo mais usado principalmente no Brasil.

Esse processo representa a fase mais avançada do método sintético, atende a um princípio importante e facilitador da aprendizagem quando falamos, pronunciamos sílabas e não letras ou sons separados, opera com um fragmento que pode ser reconhecido sem preocupação sobre sua relação direta com o som da fala.

No processo silábico se emprega como unidades-chaves as sílabas, que depois se condicionam em palavras e frases.

Etapas: 1ª ensinavam-se as vogais, com a ajuda de ilustrações e palavras.

Exemplo: U, mostrando-se a palavra uva junto com a gravura

Etapa: 2ª faziam-se exercícios para a junção de cada vogal com diversas consoantes, por procedimentos iguais ao anterior.

Exemplo: Ca de casa, ma de mala, para formar a palavra cama.

Cada combinação de consoante e vogais eram introduzidas em lições separadas e com elas formavam-se palavras que serviam para fixação do padrão silábico, porém poderia levar á formação de palavras sem sentido para a criança.

Processo Iconográfico: "Johan Amós Comenius" propunha o ensino de um alfabeto vivo, cujos elementos se correspondiam de maneira onomatopeica (imita o som natural da coisa significada). Segundo Comenius o processo consistia em usar uma letra acompanhada de uma figura animal, cuja voz se assemelhasse ao som da respectiva letra.

Exemplo: O som da letra M seria representado tendo ao lado a figura de um boi mugindo

(MUUUU).

O processo faz com que a leitura fique fragmentada, processando-se assim mecanicamente, sem significação. A dificuldade na pronúncia torna difícil o entendimento do significado.

Grande mérito desse processo foi a preocupação de Comenius em motivar as crianças usando as letras com gravuras. Exemplo: A - um cachorro Au, Au, Au

- Um pintinho Piu, Piu, Piu

Processo letras móveis: Jogo de letras móveis de várias cores e dimensões, muitas vezes eram feitas com substâncias comestíveis. As crianças deviam procurar as letras no meio das outras e desenhá-las, em seguida formavam com as mesmas sílabas e palavras, que depois eram escritas e como prêmio podiam ser comidas.

Processo fonomímico: Esse processo consiste no ensino dos sons acompanhados e um desenho, mímica, gestos, expressões e ruídos, indicando a posição dos lábios durante a emissão reproduzindo os sons emitidos pela voz humana.

Exemplo: O ruído do rato comendo o queijo. Rrrrr a = ra, rrrrrr e = re, rrrrrr i = ri, rrrrrr o = ro, rrrrrr u = ru.

Esse processo tornava o ensino muito mais vivo e movimentado para a criança despertando mais interesse e atenção, com o surgimento de novas cartilhas esse processo ainda é utilizado, quando bem aplicado e associado a outros métodos é bem-sucedido, é mais motivador porque parte de histórias e coisas que as crianças gostam.

Exemplos de cartilhas que utilizavam o processo fonomímico como auxiliar: Jardim do faz de conta, Casinha feliz, O sonho de Talita, é tempo de aprender e Cartilha do Soldado.

O processo fonomímico é uma modificação do processo fônico. O som fundamental é tomado da natureza ou de uma situação da vida, empregando-se como ponto de par-

tida as histórias infantis.

Método Analítico Processo de Palavração

O método analítico defende que a leitura é um ato global e audiovisual. Partindo desde princípio, os seguidores do método começam a trabalhar a partir da unidade complexas de linguagem para depois dividi-la em partes menores. Por exemplo a criança parte da frase para depois extrair as palavras e depois dividi-la em unidades mais simples. Apresentação da palavra (por meio de cartaz com desenho e a palavra escrita embaixo)

Reconhecimento e escrita da palavra (leitura e escrita das palavras)

Decomposição da palavra em sílabas (pedacinhos). Ex. bola bo la. Discriminação da palavra auditiva, discriminação visual e gráfica, corte de palavra, junção das sílabas. Reconhecimento e identificação dos sons básicos (fonemas, vogais e consoantes das sílabas já conhecidas).

Discriminação fonética: Marque um x nas figuras que terminem igual a palavra bola. O professor pedirá que as crianças falem palavras com o pedacinho das sílabas bo e la. Formação de palavras novas: Ficção destas palavras, articulação dos fonemas com todas as vogais: boa, baú, bebeu.

Organização de frases: A bola é da babá (ou ) A bola é da Lalá.

A duração de cada etapa depende do tempo de aprendizagem de cada criança. O professor não deverá ter pressa e só começar uma palavra com sílabas diferentes, quando a anterior tiver sido aprendida. Cartilhas que contém o processo de palavração: Caminho Suave, Pom Pom meu gatinho, Davi meu amiguinho etc.

Esse processo apresenta resultados satisfatórios para a aprendizagem da leitura. É motivador, facilitando assim maior assimilação e exigindo habilidade técnica do professor.

Processo Sentenciação: No Brasil, dois grandes educadores se destacaram como pioneiros da Setenciação: Artur Joviano e Mendes Viana.

Processo de Fundamentação: Esse processo parte do todo para as partes, atendendo a psicologia da criança, que é mais globalizadora: frase-palavra-sílaba-letra. (O fundamento essencial é a frase).

Características: É indispensável que as sentenças apresentadas tenham sido completas, tenham um significado, estejam relacionadas com os interesses, com a vida e experiências as crianças, estejam escritas dentro do vocabulário de uso corrente e familiar dos alunos, sejam em sequências de dificuldades crescentes, não sejam longas, sejam escritas em palavras grandes, legíveis e bem traçadas.

Tipos: Sentenciação livre, dirigida e com incidências de certos fonemas.

Sentenciação livre: Consiste em dois períodos:

Período preparatório: é o tempo que procede a aprendizagem. Os recursos de motivação são: histórias, jogos, dramatizações, figuras.

Período de apresentação da sentença (aprendizagem). Frases: 1) apresentação da sentença, 2) reconhecimento das palavras na sentença, 3) reconhecimento da palavra fora da sentença, 4) reconhecimento das sílabas, 5) discriminação das sílabas, 6) composição de novos vocábulos e sentenças. Ex: Eva é uma boneca ou Eva é levada ou Eva gosta de brincar.

Sentenciação dirigida: São frases com palavras formadas pelos mesmos fonemas. São constituídas de palavras que contém a mesma consoante. Há preocupação com o som e não com o nome da letra. Ex: Viva o vovô. Eva vê a uva. Ivo vê o ovo. Também consiste em dois períodos com a sentenciação livre.

Vantagens: É de fácil motivação. O enriquecimento do vocabulário é feito gradativa e progressivamente. Estimula a autoaprendizagem, a predominância de uma consoante facilita a fixação e reconhecimento da mesma.

Sentenciação com Incidência de certos fonemas: Ex: Titio deu um bote ao Tito. O bote de Tito tem duas velas. É um bote bonito! Vem Talita, ver o bote! Vem Paulo, vem ver meu bote!

Verifica-se a incidência da consoante T.

Processo do Conto: É uma decorrência natural do processo de sentenciação. As sentenças são parte de um todo maior mais interessante e significativo. Apresenta-se gradativamente parte de uma história completa que a criança irá memorizar. Fases do processo: a) Período preparatório (despertar o interesse), b) Período de aprendizagem (introdução de história curta com o auxílio de gravuras sugestivas e posteriormente introdução da técnica de leitura. Pode durar até três semanas).

Técnica: Apresentação dos personagens da história, o professor conta a história e faz com que os alunos a reproduzem.

Leitura compassada de frases da história escrita pelo professor na lousa, enquanto os alunos acompanham mentalmente.

Leitura das sentenças pelo professor e a repetição em coro pelos alunos.

Depois que os alunos já conhecem todas as frases passa-se ao reconhecimento das palavras, reconhecimento das sílabas (através de jogos, exercícios etc.), formação de novas palavras.

O professor tem que se preocupar em fixar frases e palavras, deve haver uma direção, uma discriminação dirigida. O professor deve planejar bem suas aulas para formular bem a história com sequência das sílabas.

Processo de Unidade de Experiência: É o mais moderno dos processos de ensino de leitura. É uma extensão do processo do conto, apenas a cartilha é confeccionada pelo professor, de acordo com as experiências infantis. O que distingue do processo do conto são os textos de leitura, que podem ser isolados ou em capítulos não são pré-fixados num livro, decorrem de uma atividade de um projeto que serão elaborados pelas próprias crianças.

Valor: Procura atender os princípios da percepção global, atende os princípios que visam a satisfação da autoatividade da criança. É a criança que está elaborando e criando. A leitura gera motivação desperta interesse e desenvolve a força criadora, esse processo desenvolve a linguagem e aumenta o vocabulário.

Fases:

1ª fase: Experiência (iniciação da pré-cartilha). Contar a história, interessar as crianças na ordenação da sala, empregar desenhos, recortes, colagem sobre a história contada, dramatizar a história, pregar nas cenas ilustradas e fixados cartões com os respectivos nomes (1º contato com a leitura), a criança recebia os textos mimeografados para serem completados, as folhas que seguem continuamente a história formará um livrinho ou melhor fará a pré-cartilha.

2ª fase: Identificação do texto (apresentar o texto num cartaz).

3ª fase: Reconhecimento das frases no texto.

4ª fase: Decomposição das sentenças em palavras.

5ª fase: Decomposição das palavras em sílabas.

Organização de um pré-livro. É material de leitura cuja função é iniciar a alfabetização, com histórias vivas extraídas da experiência infantil, com vocabulário simples, com muita ilustração para facilitar a compreensão do texto.

O objetivo do pré-livro: São os objetivos da história, os quais implicam a formação do processo de leitura (ler), o desenvolvimento dos hábitos, atitudes e habilidades essenciais à leitura e, através dela o desenvolvimento da criança.

A adoção de uma cartilha: Deve ser selecionada segundo: O processo de alfabetização utilizado pelo professor, a atualização de suas ilustrações e textos, a adequação do vocabulário e sua riqueza, a oportunidade de enriquecimento de experiências que promovem, o atendimento que dá a filosofia e à psicologia do ato de ler a facilidade que oferece para a aquisição de hábitos, habilidades e atitudes de leitura.

Conclusão: Todos os métodos têm o seu valor, o professor deve conhecer os vários processos, pois em cada um deve haver algo a ser usado com vantagem.

Construtivismo

O método construtivista procura instigar a curiosidade, já que o aluno é levado a encontrar as respostas a partir de seus próprios conhecimentos e de sua interação com a realidade e com os colegas.

O construtivismo foi desenvolvido pelo psicólogo suíço Jean Piaget, no início da década de 1920. Também foi de fundamental importância, para o desenvolvimento do construtivismo, as pesquisas realizadas pelo psicólogo russo Lev Vygotsky. A psicóloga argentina, seguidora de Piaget, Emilia Ferreiro, também teve importante papel, pois desenvolveu o construtivismo no campo da alfabetização de crianças.

Uma nova linha pedagógica que emergiu como teoria influente no meio educacional brasileiro, sendo na maioria das vezes considerado como uma perspectiva transformadora, onde propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo a dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. A partir de sua ação, vai estabelecendo as propriedades dos objetos e construindo as características do mundo. O construtivismo enfatiza a importância do erro não como um tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. A teoria condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno.

Assim, no momento em que novas soluções eram buscadas para os problemas

educacionais, o Construtivismo surgiu identificado com as teorias críticas da educação. Atualmente o Construtivismo é o principal referencial teórico do meio educacional brasileiro, tendo alcançado esse posto, de modo mais decisivo, a partir da década de

1980.

O indivíduo passou a ser compreendido primordialmente a partir de seu desenvolvimento cognitivo, o que implicou na ideia de que o aprendizado depende principalmente de um ambiente estimulante, que propicie a cada um condições de desenvolver-se a partir de seus interesses.

Podemos dizer que houve uma influência piagetiana no movimento escolanovista que, mais decisivamente, a partir da década de 1930 ganhou corpo no Brasil. (movimento que se focava de modo central nas características individuais, defendendo que o ensino deveria ser conduzido a partir dos interesses do indivíduo, onde a aprendizagem era centrada no aluno e não no conteúdo).

Um fato importante nesse sentido foi a Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71, que foi o primeiro documento oficial em que a influência da teoria piagetiana pôde ser notada, desde então, as propostas construtivistas cresceram em importância e, especialmente, a partir da difusão dos estudos de Emilia Ferreiro, se tornaram hegemônicas influenciando inclusive os atuais Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – publicados pelo MEC em 1997.

O propósito da educação escolar sempre foi à formação do indivíduo, repassando de maneira esmiuçada, os saberes organizados e construído pela sociedade. Sendo assim, a escola criava o ensino em seu contexto unicamente técnico, autoritário, rígido e discriminatório com relação aos alunos vindos de família mais humilde.

A forma rígida da educação por meio de sua posição política e pedagógica era dominada pelo repasse do conhecimento através de matérias separadas entre si, não deixando que o aluno tomasse parte de maneira efetiva do procedimento de ensino e aprendizagem.

Há pouco tempo os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) obtiveram imensas censuras ao escolherem a alusão teórica o construtivismo (ANPED, 1996; AZANHA, 2001; DUARTE, 2001; MOREIRA, 1996).

No livro Psicogênese da língua escrita Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, perguntam:

"Como alguém aprende a escrever?".

Nele elas não propõem nenhum método pedagógico, mas revela os processos de aquisição e elaboração de conhecimento pela criança, ou seja, de que modo ela aprende. Tanto as descobertas de Piaget como as de Emilia Ferreiro levam a conclusão de que as crianças têm um papel ativo no aprendizado, por acreditarem que a criança busca a aprendizagem na medida em que constrói o raciocínio lógico e que o processo evolutivo de aprender a ler e a escrever passa por níveis que revelam as hipóteses formadas pela criança, Emília Ferreiro e Ana Teberosky definiram, em sua obra cinco níveis:

1)Hipótese Pré-silábica

2)Hipótese Silábica sem valor sonoro

3)Hipótese Silábica com valor sonoro

4)Hipótese Silábica Alfabética

5)Hipótese Alfabética

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alfabetizar na idade certa ainda é um desafio no Brasil. Dados do Censo 2010 indicam que 15,2% das crianças brasileiras não sabem ler nem escrever aos 8 anos. O problema se mostra ainda mais complexo quando se consideram os resultados por região: no Norte, o índice chega a 27,3%, e no Nordeste, a 25,4% — uma desigualdade brutal em relação à Região Sul, que apresenta as melhores taxas do país, com 5,4% de crianças não alfabetizadas na faixa etária adequada.

A criação do ensino fundamental de 9 anos, colocando na escola crianças a partir dos 6 anos, tem levado pais e professores a questionarem sobre a melhor idade para se alfabetizar.

Estudos, baseados em experiências educacionais, têm trazido luzes nessa área. Na alfabetização, cada criança tem o seu próprio ritmo, leitura e escrita podem começar tanto aos 4 quanto aos 7 anos. Entra nessa variável o estímulo recebido pelos pais.

Os neuropediatras dizem que o período para se alfabetizar não é fixo, vai dos 4 aos 7 anos, dependendo do desenvolvimento cerebral da criança. Antes da alfabetização, o cérebro deve passar por diversas fases, como a aquisição das noções de espaço e tempo e pela fase da coordenação motora fina.

Um fator que muito contribui para a alfabetização é o incentivo que recebe em casa, dos pais. O ambiente influencia e desperta o interesse para a leitura e à escrita. Pais que dão, desde cedo, livros infantis aos filhos, lápis e papel para rabiscarem ou leem histórias antes da criança dormir. Os pais devem ler e não apenas contar histórias. Ler é diferente de contar. Quando se lê a história com um livro, desperta a curiosidade da criança para saber o que aqueles riscos, no livro, significam.

Porém, a criança pobre vem de um ambiente de baixa escolaridade e geralmente os pais não se interessam pela leitura, não encorajando, assim, os filhos. Despertar o gosto pela leitura, sensibilizar para os livros, desde cedo, farão a diferença em toda a vida escolar.

O que se constata é que nas escolas particulares comumente as crianças chegam à 1.ª série, aos 7 anos, já alfabetizadas, enquanto que na escola pública, geralmente, é com essa idade que vão começar a aprender a ler e a escrever. Essas crianças diferentemente daquelas, com raras exceções, não passaram pela pré-escola.

É preciso ater-se ao fator lúdico dos primeiros anos de alfabetização. O contato com as letras deve se processar de maneira prazerosa e um professor mau formado pode bloquear a vontade de aprender para o resto da vida.

A criança não deve ser forçada a aprender logo a ler e a escrever. O interesse pelas letras deve partir da própria criança. Deve ser natural. Às escolas, aos pais cabem apenas estimulá-la para a aprendizagem. Dizem os especialistas que se a criança for forçada, sentir-se-á muito cobrada e poderá ter problemas emocionais, de autoestima, como ter medo da escola, ter horror aos estudos. por exemplo, uma criança de 5 anos que lê e escreve bem como uma de 7 anos, não é aconselhável que deixe o grupo de sua faixa etária. Emocionalmente, ela reage melhor com crianças de sua idade, tem os mesmos interesses, gosta das mesmas brincadeiras, entrosa-se melhor.

Com as mais velhas, ela pode se sentir desajustada, isolar-se. Na infância, 1 ou 2 anos fazem muita diferença.

Itens que podem estimular as crianças para a leitura e para a escrita:

Biblioteca infantil: os pais devem, desde cedo, dar livros com textos e muitas ilustrações. Há livros especiais para crianças mais novas, alguns são de pano, outros, de plástico.

Estojo cheio: as crianças devem ter lápis de cor, de cera e muitos papéis para rabiscar. Habituando-se ao lápis, terão mais facilidade para aprender a escrever.

Exemplo: os pais devem ler livros, revistas e jornais na presença dos filhos. Levá-los a livrarias e bibliotecas, fazer isso como se fosse um passeio.

Pode ocorrer de algumas crianças ler ou escrever bem melhor que o restante da classe. Nesse caso, o que fazer? Continuar com a turma de sempre ou avançar na série? Referendam os especialistas de que saber ler e escrever não é motivo para pular de ano. A criança, nesse caso, para não se desinteressar, deve receber atividades especiais, mais complexas, durantes as aulas.

Essa criança não deve avançar na escolaridade, porque no jardim da infância não conta apenas o fator cognitivo. É preciso levar em conta o nível de desenvolvimento psicomotor, social e emocional da criança.

O professor deve fornecer ferramentas para o aluno construir o seu processo de aprendizagem da leitura e escrita.

A linguagem escrita é definida como as formas de discurso, as condições e situações de uso nas quais a escrita possa ser utilizada (cartas, bilhetes, notícias, relatos científicos etc.)

Inicialmente, o professor precisa tomar por base o texto e não mais as palavras-chaves.

O texto deve ser o elemento fundamental para inserir a criança no universo letrado'. Além da escrita espontânea, pode ser considerado também o trabalho com modelos, que possibilitam 'as crianças comparem suas hipóteses com o convencional.

Enfim, O professor deve garantir que as práticas escolares ajudem o aluno a refletir enquanto aprende e a descobrir os prazeres e ganhos que se pode experimentar quando a aprendizagem do sistema de escrita é vivenciado como um meio para, independentemente, exercer a leitura e a escrita dos cidadãos letrados.

Referências Bibliográficas

Aprender a ler e a escrever. Uma proposta construtivista-Teberosky Ana Baldini

Irene

GOLDESTEIN, Sam. Hiperatividade: Como desenvolver a capacidade de atenção da criança. 4 ed. Campinas: PAPIRUS,1998.

GOULART, C. M.A apropriação da linguagem escrita e o trabalho alfabetizador

na escola. Cad. Pesquisa. Nº. 110-São Paulo, julho de 2000. GRIGORENKO, Elena L.

STERNBERG, Robert J. Crianças Rotulara-o que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2003. KIRK, S. A. (1962).

Educating Exceptional Children. Boston: Houghton Mifflin. Ler e escrever na escola, O real, O impossível e o necessário- Lener Délia

Reflexões sobre alfabetização- Ferreiro Emilia

POLITY, Elizabeth. Dificuldade de aprendizagem construindo novas narrativas.

São Paulo: Vetor, 2001.

SHIMITH, Corinne. Dificuldades de aprendizagem de A a Z. Porto Alegre: Artes

Médicas, 2001. SOARES, M. Letramento: como avaliar, como medir. In:

SOARES, M. Letramento: um tema em

três gêneros. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. UMFMG, outubro 2003. TFOUNI, Leda V. – Letramento e Alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semenovich, A construção do pensamento e da linguagem.

São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Nelci Soares Pérsio: discente, UNASP. Eunice Barros Ferreira Bertoso: Mestre,

docente, orientadora, UNASP.

Psicogênese da língua escrita- Ferreiro Emilia, Teberosky, Ana

Silva, W.C. (2008). Discalculia: uma abordagem à luz da Educação Matemática. Relatório Final para concretização do Projecto de Iniciação Científica, PIBIC, Universidade de Guarulhos, Guarulhos.

Smole, K.Set all (2000). Brincadeiras Infantis nas Aulas de Matemática:

matemática de 0 a 6. Porto Alegre: Armed.